

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS BÍBLICOS EM OXFORD

Decorreu em Oxford de 3 a 7 de Setembro de 1973 o «V Congresso Internacional de Estudos Bíblicos». O primeiro realizou-se há 16 anos. É de notar a periodicidade regular de 4 anos, que também está prevista para outros que se seguirão.

Foi organizador dos quatro primeiros o Prof. Dr. J. Cross, já falecido, tendo sido sempre auxiliado por Mss. E. A. Livingstone. A esta senhora, coadjuvada por professores de Oxford, se deve a organização deste. E diga-se desde já que os organizadores não se pouparam a esforços para que tudo decorresse da melhor forma, desde a recepção e instalação dos congressistas até à elaboração e execução de todo o vasto programa de actividades. É digno de registo por exemplo o «garden party» com que foram obsequiados os participantes do Congresso na tarde do dia de abertura. Aí esteve presente o Rev. Dr. A. M. Ramsey, Arcebispo de Cantuária.

Os congressistas que antecipadamente o pediram foram alojados no «Magdalen College» e no «Merton College». O plano e organização das actividades específicas do Congresso não foram coisa fácil. Não havendo um tema básico, dentro do vastíssimo campo dos estudos bíblicos, houve que planejar actividades de carácter geral, destinadas a toda a assembleia, e outras destinadas a grupos mais ou menos reduzidos.

Na sessão de abertura, às 8,30 h. da noite, falou o Arcebispo de Cantuária. Escolheu para tema da sua conferência «Jesus Cristo e o mundo moderno». Diariamente foi reservada essa hora para uma grande conferência, a única que se destinava a toda a assembleia. Para tal, foram convidados oradores conhecidos internacionalmente pelos seus trabalhos de investigação em Ciências Bíblicas: Rev. Prof. J. P. M. van den Ploeg O. P., da Universidade de Nimega, que desenvolveu o tema: «Adoração e Louvor a Deus no Antigo Testamento»; Rev. Dr. B. M. Metzger, Professor de Novo Testamento da Universidade de Princeton, que falou de «Problemas relativos ao Cânon do Novo Testamento»; Rev. G.W. Anderson, Professor de Hebraico e de Antigo Testamento na Universidade de Edimburgo, que apresentou um estudo sobre «O uso cristão dos Salmos».

Durante o dia, as actividades repartiram-se do seguinte modo: Das 9,40 h. às 10,50 realizavam-se quatro conferências, sendo duas em cada sala. Das 11,10 h. às 12,50 eram apresentadas comunicações com a duração de um quarto de hora. Decorriam simultaneamente em oito salas. O critério

que presidiu foi o de agrupar temas que tivessem mais afinidades. Deste modo, os congressistas escolhiam conforme as suas preferências ou especial preparação.

Da parte da tarde, houve dois géneros de actividades. Primeiramente o estudo de dez temas principais propostos pela organização do Congresso: 1 — Exegese do Antigo Testamento; 2 — O Fundo judaico do Cristianismo; 3 — O Evangelho de Mateus; 4 — O Evangelho de João; 5 — S. Paulo; 6 — O problema de Filipenses 2,5-11; 7 — A Epístola aos Hebreus; 8 — Teologia Bíblica; 9 — Ética; 10 — A Bíblia hoje.

Estes temas eram destinados a uma informação construtiva e a troca de impressões. Cada sessão era orientada por um orador qualificado, o qual, após a exposição do seu trabalho, aceitava o diálogo e a discussão aberta. Desejava-se que a composição de cada grupo fosse habitualmente a mesma durante todo o Congresso, mas de facto isso não se verificou com rigor. Os trabalhos da tarde encerravam com quatro conferências, sendo duas em cada sala, podendo mais uma vez os congressistas escolher o que preferiam.

Foi dentro desta orgânica estrutural do Congresso que foram apresentados 165 trabalhos, incluindo conferências e comunicações mais pequenas. As sessões tiveram lugar no grande edifício de exames da Universidade, com excepção das reuniões de estudo sobre os dez temas principais que decorreram em diversos Colégios.

Da importância do Congresso pode também dizer-nos alguma coisa o número e a proveniência dos participantes, sem nos referirmos já à categoria e valor de muitos. O número aproximado foi de cerca de 500. A grande maioria veio de Inglaterra, Escócia e Irlanda, mas registou-se ainda a presença de congressistas de mais 23 países: África do Sul 3, Alemanha Ocidental 3, Austrália 2, Austria 2, Bélgica 18, Canadá 5, Chipre 1, Coreia 1, Espanha 3, França 8, Finlândia 1, Grécia 3, Holanda 5, Israel 1, Itália 10, Nigéria 1, Noruega 2, Polónia 2, Portugal 1, Rodésia 3, Serra Leoa 1, Suécia 3, Estados Unidos da América 34. Pertenciam às mais diversas denominações religiosas e a mais de centena e meia de Universidades e Centros de Estudos Superiores.

Quanto à organização e modo como as coisas decorreram, podem certamente anotar-se méritos e também algumas deficiências. É de salientar a pontualidade e fidelidade aos horários previstos e o ambiente propício ao trabalho, sem grandes ruídos, apesar do elevado número de pessoas. Não houve fotografos nem se deu pela presença de elementos da imprensa, apesar de esta se referir ao congresso com certo desenvolvimento. Deve registar-se também a proibição de fumar dentro do edifício onde decorreram as sessões. Por outro lado, deve dizer-se que seria de esperar tradução simultânea do inglês, nalgumas outras línguas. De facto foi praticamente essa a única língua. O francês e o alemão entraram excepcionalmente. E não há dúvida de que o inglês pronunciado com diferente acentuação e os mais variados sotaques, nem sempre era de fácil compreensão, mesmo para aqueles que falam essa língua desde crianças.

Seria também para desejar que houvesse alguma manifestação de culto colectivo, segundo orientações do ecumenismo actual, pois os congressistas, na sua maior parte, eram cristãos e até ministros do culto. É certo que o programa destinava em cada manhã, antes do início dos trabalhos, 20 minutos para um «curso de leitura da Bíblia com a preocupação prática e devocional»,

o que se realizava na capela do «Magdalen College» e na capela do «Merton College». Todavia não parece o suficiente.

Digamos agora uma palavra de apreciação global dos trabalhos. O facto de não haver um tema básico permitiu que os trabalhos versassem muitos assuntos, fornecendo vasta informação sobre a problemática bíblica da actualidade, não se processando tanto numa linha de aprofundamento dum tema único. Podemos entretanto constatar que houve matérias mais preferidas pelos oradores. Notou-se claramente um maior interesse pelo Novo Testamento, e aqui foi S. Paulo que obteve as preferências. Particular incidência se verificou no estudo das Epístolas Pastorais. Em segundo lugar, ficaram os escritos joaninos. Não faltaram também trabalhos sobre Hermenêutica, formação dos livros do Novo Testamento e sobre temas de Teologia Bíblica.

Se quisermos descobrir algum pensamento unificador dos diversos temas, não o descobriremos facilmente, mas encontraremos certas linhas de orientação comum. Descobrem-se praticamente no discurso de abertura, proferido pelo Arcebispo de Cantuária. De facto ele, numa análise sobre a época apostólica, indicou caminhos de refontalização, apontando para uma exegese objectiva segundo processos de crítica histórico-literária. Ao pretender descobrir em que medida a Bíblia tem importância para os homens de hoje, enveredou pelos caminhos da confrontação com os problemas do mundo actual, visando a evangelização. Foram realmente preocupações deste género que se manifestaram nas diversas exposições e nos diálogos cheios de interesse que muitas vezes surgiram. É certo que nem sempre houve uma linguagem comum e, excepcionalmente, notou-se uma ou outra atitude de reserva mental ou expressão partidarista. No conjunto, porém, manifestou-se a serena preocupação da objectividade e espírito de abertura. O contacto com a Bíblia manifestado pela fé na palavra inspirada, a preocupação comum de descobrir na História da Salvação os desígnios de Deus para os homens de hoje, o sentir-se que nas mesmas fontes do cristianismo tudo se passa em termos de vida, foram valores positivos do Congresso de Oxford.

A. A. TAVARES